

## METÁFORA E METONÍMIA NAS TEORIAS LINGUÍSTICAS DE ABORDAGEM INTERACIONISTA

### *METAPHOR AND METONYMY IN INTERACTIONIST APPROACH LINGUISTIC THEORIES*

Viviane Lucy Vilar de Andrade  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFSC

#### **Resumo**

A metáfora sempre ocupou um lugar de destaque diante dos estudos do significado e, com o avanço das pesquisas em linguística cognitiva, esse processo mental apresenta-se mais em evidência contemporaneamente. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivos: (i) fazer uma breve reflexão sobre algumas das polêmicas em torno do estudo do significado; e (ii) apontar algumas teorias linguísticas, pretendendo-se fazer uma reflexão sobre os pontos de divergência entre os estudos e as pesquisas de base cognitiva e a perspectiva e posicionamentos das teorias de base interacionista para a concepção desses dois processos mentais, e não somente linguísticos: a metáfora e a metonímia, ou metaftonímia. O texto está pautado em uma pesquisa bibliográfica e teórica, onde se pretende refletir sucintamente, sobre a ascendência filosófica dos paradigmas: Realismo, Pragmatismo e Mentalismo, já que questionamentos apresentados desde os gregos, com Aristóteles, inauguram uma divisão do terreno do significado: estudos filosófico-científicos e estudos retórico-poéticos. Além disso, o artigo também se propõe a refletir sobre a influência desses questionamentos para o desenvolvimento dos paradigmas, em torno do debate que caracteriza o estudo do significado.

**Palavras-chave:** Teoria semântica. Linguística cognitiva. Interação. Metáfora. Metonímia.

#### **Abstract**

Metaphor has always occupied a prominent place in the studies of meaning and because, along with the advancement of research in cognitive linguistics, this mental process is clearly in evidence, this paper aims to: 1) Reflect briefly on some of the controversies surrounding the study of meaning, pointing to the three major paradigms available today to address this issue and 2) Point out some linguistic theories, intending to reflect on some of the points of divergence between the cognitive-based studies and research and the interactionist-based theories, in order to conceptualize these two mental processes, rather than just the linguistic processes of metaphor, metonymy or metaphonymy. This article presents a bibliographic and theoretical research intending to reflect succinctly on the ascendancy of the philosophical paradigms of Realism, Pragmatism and Mentalism, already questioned since Aristotle and the Greeks, inaugurating a division in the area of meaning: philosophical and scientific studies on the one hand and rhetorical-poetic studies on the other. The article also examines the influence of these positions on the development of the above-mentioned paradigms, in light of the debate, which characterizes the study of meaning nowadays.

**Keywords:** Semantics. Cognitive linguistics. Interaction. Metaphor. Metonymy.

## 1 INTRODUÇÃO

A Semântica é o estudo do significado e, desde os gregos, reflexões sistemáticas vêm sendo feitas no seu sentido *Lato sensu* porque em seu sentido *Stricto sensu* os estudos científicos sobre o significado aparecem com o surgimento de uma ciência da linguagem, perfazendo o estudo científico do significado dos símbolos verbais. E o que é o significado de um símbolo verbal? O significado é construído diariamente; ele desliza e é variável. Assim, não é tão simples responder a essa pergunta.

A primeira parte deste artigo apontará, de forma breve, algumas polêmicas e questionamentos apresentados em torno do estudo do significado ao mesmo tempo em que pretende refletir sobre a ascendência filosófica dos paradigmas: Realismo, Pragmatismo e Mentalismo e a influência desses questionamentos para o desenvolvimento dos paradigmas e para o debate em torno do significado contemporaneamente.

Apresentam-se alguns questionamentos propostos inicialmente por Aristóteles, que inaugura uma divisão no terreno do significado: estudos filosófico-científicos e estudos retórico-poéticos.

Pode-se dizer que remonta a Aristóteles a inauguração de duas tradições distintas para o estudo do significado: a tradição filosófico-científica e a tradição retórico-poética porque o estagirita é considerado como um dos mais antigos semanticistas. Principalmente porque seu interesse primordial era a lógica, os mecanismos da faculdade humana de raciocínios inferenciais do tipo:

Todo homem é mortal

Sócrates é homem

Donde: Sócrates é mortal<sup>1</sup>

Através de raciocínios inferenciais, chega-se ao conhecimento novo a partir de conhecimento dado. E é essa faculdade que diferencia o homem dos animais.

O interesse de Aristóteles pela lógica o levou a pensar também na linguagem, mais precisamente nos mecanismos do pensamento: os *conceitos*, que articulados se transformam em *proposições*, as quais, quando são articuladas, formam as *inferências*. Uma vez que os *conceitos* são expressos através de *significantes*, tem-se: as *palavras*, as *frases* e os *períodos*. É por isso que o interesse pelo pensamento leva ao interesse pela linguagem.

A própria palavra *Logos*<sup>2</sup>, que se refere à lógica, em grego, tem sentido polissêmico: faculdade racional e linguagem. A divisão em tradição filosófico-científica e tradição

<sup>1</sup> Famoso silogismo aristotélico – válido universalmente. A primeira premissa tem de ser válida. Se assim não o for, toda a lógica (VV) cai por terra, segundo Aristóteles.

<sup>2</sup> Segundo Flávio Netto Fonseca, In: [www.philosophy.pro.br](http://www.philosophy.pro.br): "Disse Heráclito (filósofo grego, pré-socrático): "Tudo acontece de acordo com logos". Mas, o que é logos? Seu significado mais básico é verbo. Nos séculos anteriores a Heráclito, logos significava também relato, linguagem e história. Já na época de Heráclito, logos podia significar razão, princípio e explicação. Alguns o definiram como lógica ou fórmula. Creio que o que Heráclito queria dizer era "o princípio organizacional, segundo o

retórico-poética se faz quando se percebe a complexidade de lidar com a questão do significado.

Em seu texto *De Interpretatione*, Aristóteles vai analisar qual é a lógica da proposição, ou melhor, qual a lógica de uma cadeia como: nome/verbo/frase aos quais ele vai chamar de itens da elocução (cadeia fônica). Os itens da elocução são os mesmos que os elementos da fala e são os símbolos das afecções da alma:

Os itens na elocução são símbolos das afecções na alma, e os itens escritos são símbolos dos itens na elocução. E assim como os caracteres escritos não são os mesmos para todos, tampouco as elocuições são as mesmas. Entretanto, os itens primeiros dos quais estas elocuições são sinais – as afecções da alma – são os mesmos para todos, assim como são as mesmas coisas, das quais estas afecções são semelhanças.

Como a alma é afetada através das representações que temos do mundo, o mundo nos afeta de alguma maneira e a palavra escrita simboliza a palavra falada, que simboliza os esquemas de afecções da alma. Essas afecções da alma são chamadas, hoje em dia, de *conceitos*.

As palavras utilizadas, ou melhor, os conceitos, podem até ser diferentes por causa das línguas diferentes, das culturas diferentes, mas é como se as afecções da alma, apontadas pelo grego, fossem da ordem do sujeito.

Há sentenças às quais se podem atribuir a condição de verdade ou falsidade e há sentenças às quais não se pode atribuir valores de falso ou verdadeiro. “Sócrates é homem” é uma proposição que pode ser vista como verdadeira ou falsa, o que não ocorre com uma prece, por exemplo.

No capítulo 4 de *De Interpretatione*, observamos que Aristóteles descreve o *Logos Semantikós*, o discurso dotado de sentido e o *Logos Apophantikós*, o discurso dotado de sentido mas também passível de se atribuir à sentença a condição de ser verdadeira ou falsa, ou dizer de P que é V ou F:

Toda e qualquer frase comporta um significado, embora não à maneira de um instrumento, mas antes, como foi dito, segundo convenção. Mas por outro lado, nem toda frase é declarativa, mas apenas aquela em que ocorre pretender dizer o verdadeiro ou o falso; e isso não ocorre em toda e qualquer frase; por exemplo, a prece é certamente frase, mas não é nem verdadeira nem falsa.

Assim, portanto, são deixadas de lado as outras frases – pois a inspeção é mais apropriada à retórica ou à poética – ; por sua vez, a frase declarativa pertence ao presente estudo.

---

qual o cosmo se ordena a si próprio". Este princípio se manifesta nos mais diferentes padrões que identificamos. Um pensamento final: Heráclito, sempre capaz de ser ao mesmo tempo literal e metafórico, sabia que o "verbo" é "falado". E o que fala o cosmo? Eu creio que os "padrões" são a forma como o logos nos é falado. Daí a minha tradução: O cosmo fala por meio de padrões." (Roger von Oech) Pelo texto acima pode-se ver que 'logos' é uma forma explicativa da causa do que acontece".

Para Aristóteles, só vai interessar aquilo que é *declarativo* porque seu interesse primordial é a lógica (as inferências). Ele inaugura, assim, uma divisão do terreno do significado: estudos filosófico-científicos e estudos retórico-poéticos. E distribui o terreno do significado em dois campos distintos: no primeiro, o que interessa é o que é verdadeiro ou falso (o que é declarativo) e no segundo, o que interessa é a persuasão, o que é belo (o que não é declarativo).

No entanto, essa divisão em “territórios” não é tão simples assim porque existem as *figurações*. O que realmente interessa para os estudos filosófico-científicos não é o que é ou não declarativo apenas, mas o que é declarativo e *literal*. E os estudos retórico-poéticos vão se interessar pelo que não é declarativo e também pelo que é figurativo ou não literal.

Na tradição filosófico-científica, o que se tem de interesse principal é a lógica que é nossa faculdade racional de fazer inferências ou deduzir conhecimento novo a partir de conhecimento dado.

Na Poética, Aristóteles fala sobre o discurso não literal: nome corrente X nome metafórico (figurado) e como a linguagem é usada para o belo, para a arte: “128. A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia”.

O terreno do uso corrente é a aplicação do nome para a coisa nomeada. Já a metáfora é a transgressão (o desvio) porque pega-se esse nome e dá-se para outra coisa. O autor tenta capturar essa lógica do desvio, afirmando que o desvio pode ocorrer de quatro formas, as formas mencionadas na citação acima. Só que quando parte-se para o terreno figurativo, percebe-se que o significado não é tão bem comportado assim como é na área do literal e declarativo. Aristóteles percebe o território do imprevisível no estudo do significado e, na “Poética”, o exclui da lógica. Na tradição aristotélica, existem os usos próprios e os usos transpostos ou figurativos.

A metáfora sempre ocupou um lugar de destaque diante dos estudos do significado e, com o avanço das pesquisas em linguística cognitiva, esse processo mental apresenta-se mais em evidência. Dessa forma, na segunda parte deste artigo, apontar-se-ão algumas teorias linguísticas, pretendendo-se fazer uma reflexão sobre os pontos de divergência entre os estudos e as pesquisas de base cognitiva e a perspectiva e posicionamentos das teorias de base interacionista para a concepção desses dois processos mentais, e não somente linguísticos: a metáfora e a metonímia, ou metaftonímia.

Afastando-se de uma perspectiva racionalista, a linguística cognitiva adotará “uma perspectiva empirista, alinhando-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência (FERRARI, 2011, p. 21)”.

## 2 O ESTUDO DO SIGNIFICADO E O FIGURATIVO: A METÁFORA

O estudo da semântica está tradicionalmente concentrado no declarativo e no literal e a tradição aristotélica aposta na factibilidade da distinção entre o terreno do próprio e o do

transposto. Só que essa divisão apresenta problemas quanto à questão do poder figurativo da linguagem, pois há uma dificuldade em separar o literal do metafórico (figurado).

Platão afirma que a vocação da linguagem é representar e as coisas têm uma essência permanente. Poderíamos dizer que nasce, nesse momento, o primeiro paradigma de que se dispõe para tratar questões relacionadas ao significado: Realismo. Para o autor, a vocação do nome é dizer o real e a funcionalidade pressupõe racionalidade. Platão distingue essências (habitam fora do sujeito) e aparências. Para as Semânticas Formais, o interesse geral é a referência e condição de verdade da linguagem declarativa e literal (relação linguagem-mundo) e a unidade básica é a sentença.

Aristóteles era totalmente contra essa dualidade. Para ele, as essências habitam no sujeito e o *Logos* é a faculdade da razão que nos equipa para fazermos distinções e por isso podemos depreender os traços recorrentes, através da cognição.

Os sofistas, que dariam origem ao Pragmatismo, afirmam que a linguagem constrói a realidade. Para a Semântica Enunciativa, as circunstâncias são importantes e o efeito é obtido pelo sentido e deve-se levar em conta o ato da enunciação e não o enunciado porque a concepção geral do ato da enunciação é que ele é mais um instrumento político (de persuasão) e menos um sistema de informação.

Para a Semântica Cognitiva, a linguagem é presidida pela racionalidade e toda a organização linguística é reflexo de uma organização conceptual.

A visão tradicional se concentra nas frases declarativas (na troca de informação), mas para a Semântica Enunciativa, você faz coisas com a linguagem, a linguagem faz (provoca) uma alteração na realidade.

Do ponto de vista da forma, assume-se que as línguas são composicionais porque elas apresentam uma dupla articulação. Para Martinet (1978, p.11), o princípio da dupla articulação da linguagem consiste no fato de que os enunciados das línguas naturais são decomponíveis em dois níveis: articulação com sentido (palavras e morfemas) e articulação sem sentido (sílabas e fonemas), ou melhor, unidades significativas e unidades destituídas de significado. Esse princípio de composicionalidade torna as línguas mais econômicas, porque morfemas se combinam de maneiras diferentes, formando um número bem maior de palavras.

As línguas também são dominadas pelo princípio da composicionalidade semântica, segundo o qual o significado de uma expressão é determinado (calculável) pelo significado de suas partes constituintes e pelo modo como se combinam. Porém, nem sempre os significados das partes combinadas representarão o significado do todo. Muitas vezes, a própria ordem como aparecem as partes pode alterar o significado desse todo.

Não se pode deixar de perceber que expressões de aparência muito claramente composicional (transparentes) também parecem ainda abrigar uma medida de opacidade. Assim, diante da questão da composicionalidade semântica, aparecem posições antagônicas: (i) os que são adeptos do princípio da composicionalidade e

acreditam que as situações de opacidade ou não composicionalidade são excepcionais e que a maioria das expressões linguísticas são transparentes, ou seja, composicionais; e (ii) os que criticam o princípio da composicionalidade, porque acreditam que ele é idealização e não descrevem adequadamente a realidade das línguas e do conhecimento linguístico dos falantes, como Fillmore<sup>3</sup>.

Para Fillmore (1979), há uma outra idealização – tácita – em funcionamento na linguística, além da idealização apresentada por Chomsky do falante/ouvinte ideal. A idealização apresentada por Fillmore é a do falante/ouvinte inocente. O falante/ouvinte inocente, segundo ele, conhece os morfemas de uma língua e seus significados. O falante também reconhece as estruturas e processos gramaticais em que os morfemas tomam parte e conhece os efeitos semânticos desses processos e estruturas.

Quando é ouvinte (decodificador), o usuário da linguagem calcula o sentido de cada sentença a partir do que sabe sobre suas partes e seu arranjo. Nesse processo, não faz uso dos cálculos passados – a cada vez que a estrutura de uma sentença reaparece, ela é calculada como se fosse a primeira vez. Quando é falante (codificador), o usuário da linguagem decide o que deseja que seu interlocutor faça, ou sinta ou acredite e constrói uma mensagem que expresse de forma mais direta possível essa decisão.

É como se nada se interpusesse entre o que ele quer dizer e o que de fato diz; ele também é capaz de dizer tudo o que se possa dizer, contanto que tenha tempo.

Fillmore também afirma que o discurso dos inocentes tende a ser lento, chato e pedante e aponta as limitações do falante/ouvinte inocente: o falante não conhece “lexical idioms” – formas lexicais, cuja estrutura morfológica não poderia ser inferida meramente a partir do que se sabe sobre o significado dos morfemas constituintes. Esse falante não é capaz de interpretar “*phrasal idioms*” (expressões idiomáticas), ele não é capaz de reconhecer colocações lexicais que não se baseiem em relações de sentido.

Para esse falante, falta-lhe a capacidade para julgar a adequação de expressões fixas a tipos de situações específicas – as fórmulas situacionais. Faltam-lhe princípios para usar linguagem metafórica, faltam-lhe mecanismos interpretativos para a chamada comunicação indireta (ler nas entrelinhas) e falta-lhe a bagagem para compreender estruturas textuais convencionais.

Assim, tudo o que o falante/ouvinte inocente ignora fica fora do escopo da semântica composicional tradicional e acaba-se por deixar de fora um número grande demais de expressões.

### **3 RELAÇÕES ENTRE A TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA E A METÁFORA E A METONÍMIA NAS TEORIAS LINGUÍSTICAS DE BASE INTERACIONAL**

Na primeira parte deste artigo, foram mostrados alguns questionamentos apresentados desde os gregos e a influência desses questionamentos para o desenvolvimento dos

---

<sup>3</sup> Fillmore lançou as bases de uma das vertentes da Semântica Cognitiva e hoje opera com a Frame Semantics: avaliada e aplicada no Brasil por Heloisa Feltes

paradigmas e para o debate em torno do significado contemporaneamente. Aspectos da Semântica Formal, da Semântica Cognitiva e da Semântica Enunciativa também foram apontados e chegou-se à conclusão de que perceber e separar o que é literal do que é figurado não é tão simples assim.

Diante dessas polêmicas em torno do estudo do significado e diante da emergência de teorias linguísticas, tanto de base cognitiva como de base interacionista, nesta segunda parte deste artigo, propõe-se a discussão de dois conceitos fundamentais e centrais para a Semântica e também para os estudos em linguagem e interação: a metáfora e a metonímia.

As teorias e os estudos linguísticos na Pós-Modernidade serão fortemente influenciadas pelo multiculturalismo e hibridização cultural, pelas novas tecnologias e pela globalização. De todas as correntes teóricas e paradigmas utilizados para os estudos linguísticos, dois posicionamentos serão bem recursivos: Saussure (positivista) e Chomsky (cognitivista).

Com as novas abordagens da Linguística emergem também as relações de interdisciplinaridade. A partir dos anos 1960, haverá um novo movimento dentro da Linguística: a busca das relações entre a linguagem e aspectos sociais, culturais, cognitivos e ideológicos. Novas abordagens surgirão: Psicolinguística, Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Interacional, Pragmática, Retórica Contrastiva, Linguística Textual, Análise da Conversa, Análise do Discurso (francesa, americana – o discurso é uma coisa mais abstrata, a descrição da situação, inglesa – mais ideológica, ideologia maior que a própria linguagem), Linguística Aplicada, dentre outras<sup>4</sup>.

No Discurso de Identidades<sup>5</sup>, o enfoque será interdisciplinar entre: Análise do Discurso, Sociologia, Psicologia, Estudos Culturais e Educação. No Discurso de Identidades Sociais, o enfoque será sócio-construtivista com a Teoria da Construção Social da Realidade e o debate entre Sociologia e Psicologia Social. Os objetos sociais não são dados no mundo, mas construídos. Dentro do Interacionismo, há uma forte observância do sujeito na linguagem e não apenas a observância da linguagem. Os significados são processos sócio-interacionais em que nos engajamos no dia a dia, no esforço conjunto.

Assim, ao se falar de significado, de construção de significado em uma abordagem interacionista, retomamos o texto de Silveira (2005), no qual a autora discute os conceitos de metáfora e metonímia no Interacionismo apontados por De Lemos (1992) que, na ocasião, pretendia compreender como se dão as mudanças que ocorrem na aquisição da linguagem. De Lemos (1992) fez uma releitura de Lacan (2002) em relação à emergência do sujeito/significante. De Lemos (1992) apresentará uma postura interacionista e não mais sócio-interacionista e discutirá o funcionamento da linguagem a partir dos processos metafóricos e metonímicos relendo Jakobson (2001), para quem os processos metafóricos e metonímicos são figuras de estilo de linguagem presentes desde a retórica clássica, como foi apontado na primeira parte deste artigo. Dessa forma, De Lemos, ao tratar dos processos metafóricos e metonímicos, posicionar-se-á ao lado da perspectiva clássica a qual observa esses fenômenos mentais como fenômenos

<sup>4</sup> Neste momento, no CNPq há uma reescritura das áreas de conhecimento.

<sup>5</sup> MOITA LOPES, 2003

linguísticos. De Lemos (1992), no entanto, acrescenta que desse movimento linguístico, através dos processos metafóricos e metonímicos, haverá uma possível explicação para as afasias.

Para Jakobson, o processo metafórico se dá através da similaridade, seleção e substituição. Exatamente o que colocaria a metáfora dentro do *terreno do transposto* classicamente. Para ele também, a metonímia se dá através da contiguidade e combinação. Mais tarde, para tratar os casos de afasia, Lacan (2002) estudará a relação entre metáfora e metonímia sob o olhar psicanalítico e com mais profundidade.

O estudo das afasias sempre fora considerado importante para se compreender melhor o funcionamento da linguagem. Desde Freud (1891), com seu trabalho pré-psicanalítico sobre afasia, já se afirma que o cérebro é uma totalidade. Ideia que se contrapõe à de localizações (de funções) específicas. Nesse trabalho, Freud perceberá que acidentes (de diversas ordens) comprometerão partes, mas não o todo.

Em Freud (1891) também observar-se-á o que é um sonho: imagens, cenas. Para ele, na base de todo o sonho existirá uma frase: uma estrutura linguística, havendo apenas uma substituição de palavras por imagens. Na construção dos sonhos haverá, assim, dois processos fundamentais: condensação e deslocamento, ou metáfora e metonímia, respectivamente. Esses processos fundamentais seriam apenas disfarces e o sonho apresentaria uma linguagem cifrada.

Em Lacan, serão apontados dois aforismos principais:

- i) o inconsciente é estruturado como uma linguagem;
- ii) o inconsciente é o discurso do Outro (*Autre*).

Lacan absorverá os dois processos fundamentais de Freud e os desenvolverá como mecanismos fundamentais (processos primários) da linguagem. Com Freud, um ato falho, chiste ou neologismos, por exemplo, seriam amostras de que, inconscientemente, quando falamos seguimos uma infinidade de regras e leis e pensamos dentro desse sistema, o que gerará uma tensão psíquica que provém da obediência a esse sistema de linguagem. Assim, no chiste, ao rompermos a lei, ocorrerá um relaxamento que produzirá algo novo no vocabulário, um movimento da própria língua, podendo haver a condensação de palavras e uma substituição simbólica: uma metáfora.

Esse posicionamento produzirá claramente a concepção de metáfora como: algo que está no lugar de outro, criado pelo inconsciente para exprimir um desejo recalcado. Chiste será, então, a criação de um novo significante, podendo-se até dizer que houve um processo metonímico junto com um processo metafórico. Ainda, segundo Lacan (*apud* DOR, 1992), a metáfora é um mecanismo da linguagem presente no eixo associativo/paradigmático e presente no léxico, designando uma coisa por meio do nome de outra. Por essa razão, foi assinalado acima o *terreno do transposto*. Mais adiante neste trabalho, verificar-se-á que esse posicionamento afasta-se da concepção cognitiva da metáfora.

Interessante é observar ainda que, para Lacan, a metáfora apresentar-se-ia no eixo paradigmático, como a poesia (acesso ao sentido instantâneo), e a metonímia

apresentar-se-ia no eixo sintagmático, como a prosa (acesso ao sentido no final, após o encadeamento das ideias). Note-se que o posicionamento lacaniano pode ser comparado ao posicionamento aristotélico a respeito da figuração apresentada na primeira parte deste artigo.

Essas relações dar-se-iam no léxico, havendo uma combinação entre os elementos, o chiste romperia com uma combinação diferente da prevista pelo paradigma da língua. Quando Lacan assume que não seria possível o inconsciente ou a constituição do sujeito, da condição do inconsciente humano, sem a linguagem, ele posiciona-se ao lado dos relativistas para quem a linguagem precede o pensamento.

Essa conceituação diferenciar-se-á substancialmente da linguística cognitiva: segundo Andrade (2008), em 1980, favorecidos pelo crescimento e interesse pelas ciências cognitivas, George Lakoff e Mark Turner apresentaram, através do livro *Metaphors we live by*, sua Teoria Cognitiva da Metáfora, e a colocaram como ponto central nos estudos posteriores sobre a forma como vivemos, pensamos e expressamos nosso pensamento através da linguagem. Na década de 1970, já se iniciara uma substancial mudança em relação aos paradigmas e pesquisas sobre a metáfora, e hoje, quase quarenta anos depois, há uma variedade de teorias que abordam a metáfora dentro e fora do campo da psicologia cognitiva (ORTONY, 1991).

Segundo Andrade, a Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM) ou Teoria da Metáfora Conceptual, que é parte da psicologia cognitiva, serviu de base para inúmeras dessas pesquisas e estudos e representa de forma definitiva a ruptura com o enfoque objetivista da metáfora. Lakoff e Johnson (1980: capítulos 25 e 26) dizem que o mito do objetivismo dominou a cultura ocidental, e particularmente a filosofia ocidental, desde os pré-socráticos até nossos dias. A ideia de que temos acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo é o pilar da nossa tradição filosófica e tem se associado à ideia igualmente tradicional de que esse conhecimento “direto” é representado pela linguagem literal, sendo a linguagem figurativa nada mais do que uma modalidade “ornamentada” desta. A concepção de metáfora aqui apresentada vai contra a tradição objetivista, porque, como já se disse, considera a metáfora essencial à compreensão humana, bem como um mecanismo de criação de novos sentidos e de novas realidades em nossas vidas (ANDRADE, 2008, p.13).

Para Lakoff (1993, p. 209):

o que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É, sim, o mapeamento ontológico que atravessa domínios conceptuais, de um domínio fonte [...] para um domínio alvo [...]. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A língua é secundária. O mapeamento é primário. O mapeamento é convencional, isso quer dizer que ele é uma parte fixa do nosso sistema conceptual [...] Se metáforas fossem meramente expressões linguísticas, nós esperaríamos que as expressões linguísticas diferentes fossem metáforas diferentes.

Ainda, segundo Andrade (2008), para a TCM, a metáfora é um mecanismo fundamental da mente, um princípio cognitivo que nos possibilita entender as experiências mais abstratas através das nossas experiências físicas e sociais. As metáforas estruturam

nosso entendimento em níveis muito básicos e, por isso, elas são comuns. Definem nossas percepções e ações e não nos apercebemos disso, fazendo-o de forma intuitiva e natural. Para a autora, muitos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos desde a década de 1980 sob a inspiração da teoria de Lakoff e Johnson reforçam a hipótese de que nosso sistema conceptual é basicamente metafórico, mostrando que “a forma com a qual pensamos, o que experienciamos e o que fazemos dia-a-dia são essencialmente metafóricos”.

Para Ferrari (2011, p. 91-92), os processos de metáfora e metonímia são marcadamente importantes para a linguística cognitiva, a qual define a metáfora como um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Isso significa uma mudança radical em relação ao posicionamento de Jakobson (2001) e De Lemos (1992), para quem a metáfora significava somente uma figura de estilo e de produção individual do sujeito, da ordem da fala.

(...) a essência da metáfora é experienciar uma coisa em termos de outra. Em suma, a linguagem usada para falar de conceitos abstratos como o TEMPO não é poética, retórica ou rebuscada. Falamos dessa forma porque concebemos os eventos temporais como projeções de áreas relativamente concretas de nossa experiência física, de base sensório-motora (FERRARI, 2011, p. 94).

Em relação à metonímia, segundo Ferrari (2011, p. 102, *apud* ULLMANN, 1957; LAKOFF; JOHNSON, 1980; TAYLOR, 2003), ela “é tradicionalmente definida como deslocamento do significado, no qual uma palavra passa a designar uma entidade contígua”. Todavia, “tal como no caso da metáfora, os estudos em semântica cognitiva argumentam que a metonímia não é um fenômeno puramente linguístico, mas ocupa lugar central em nossos processos cognitivos” e “a contiguidade, por sua vez, é estabelecida em termos de associação na experiência”. Posicionamento também contrário ao processo “estilístico” apontado por Jakobson (2001).

Lakoff e Turner (1989) apontam que a metáfora se dá com a projeção entre dois domínios e a metonímia entre um. A primeira envolve a projeção entre dois domínios que não são parte de um mesmo domínio-matriz e a segunda envolve projeções que caracterizam subdomínios do mesmo domínio-matriz. Goossens (1990) apontará o processo **metaftonímia**, mencionado na literatura cognitivista (FERRARI, 2011).

Propostas recentes, entretanto, argumentam que, embora haja casos claros de metáfora e metonímia, não há sempre uma distinção nítida o suficiente para identificar onde termina uma e começa a outra (FERRARI, 2011, p. 104, *apud* EVANS, 2010; BARNDEN, 2010).

Note-se que esses dois processos são claramente separados em De Lemos (1992), quando pode-se percebê-los como um ou outro apenas, como nos exemplos dos episódios dialógicos entre criança e mãe quando ocorreria substituições (metáforas) ou contiguidades (metonímias) na aquisição da linguagem pela criança.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o estudo do significado envolve polêmicas e questionamentos que nunca se esgotam. Afinal, as palavras (o léxico) sempre mudam de roupagem, estão sempre em devir. Caso haja um “esgotamento” de significado, entrar-se-á no campo simbólico: um símbolo é sempre convencional: “Monte Olimpo”.

Mostrou-se como debates apresentados desde os gregos, com Aristóteles, que inaugura uma divisão do terreno do significado: estudos filosófico-científicos e estudos retórico-poéticos, influenciaram o desenvolvimento dos três grandes paradigmas de que se dispõe hoje para tratar essa questão: Realismo, Pragmatismo e Mentalismo. Essas teorias desdobram-se contemporaneamente em Semântica Formal, Semântica Cognitiva e Semântica Enunciativa.

Com essa divisão de terrenos nos quais se colocam os estudos relativos ao significado, inaugurada na Grécia, tem-se a metáfora ocupando um lugar de destaque já com os estudos clássicos e, mais ainda, com o crescimento das pesquisas em linguística cognitiva e especificamente com a semântica cognitiva.

Dessa forma, este trabalho apontou algumas teorias linguísticas com o intuito de se fazer uma reflexão sobre os pontos de divergência entre os estudos e as pesquisas de base cognitiva e a perspectiva e posicionamentos das teorias de base interacionista para a concepção desses dois processos mentais, e não somente linguísticos: a metáfora e a metonímia, ou metaftonímia.

Observou-se uma grande diferença conceitual entre as abordagens de base Interacionista e Cognitiva em relação aos processos metafóricos e metonímicos. O presente estudo posiciona-se ao lado do posicionamento cognitivista, para o qual “a abordagem da metáfora e da metonímia como processos de pensamento estabelece interessante diálogo com outra vertente da Linguística Cognitiva, denominada Teoria dos Espaços Mentais” de Fauconnier (1994, 1997).

Diante desses conflitos de perspectivas teóricas, conclui-se que, a despeito de haver diferenças substanciais entre as abordagens de base interacionista que foram apontadas acima e a abordagem cognitiva, um ponto pode ser apreciado como confluyente: a emergência de significantes na construção de novos significados do interacionismo confluiria com o *construal* (CROFT; CRUSE, 2004) da linguística cognitiva.

Para Croft e Cruse (2004), “a cognitive linguistic analysis of metonymy is the ability of a speaker to select a different contextually salient concept profile in a domain or domain matrix than one usually symbolized by the word”, para eles, “concept profiles are shifted”. Assim, sendo um processo cognitivo de *construal*, construção do significado, tanto quanto a metáfora. Para a Linguística Cognitiva, as operações de construções linguísticas são cognitivas (Op. cit.) e essas operações devem estar relacionadas ou serem idênticas aos processos cognitivos gerais postulados pela psicologia, estando a linguagem posicionada como uma instância das habilidades cognitivas gerais. Esses autores propõem uma classificação para as operações de construções linguísticas e colocam a metáfora dentro de uma das quatro habilidades cognitivas básicas: dentro da

habilidade de julgamento e comparação, a qual inclui os esquemas imagéticos<sup>6</sup>. A habilidade cognitiva de julgamento e comparação inclui: categorização (enquadre), metáfora e figura/fundo (TALMY, 2003).

Quando se fala de metáfora, como uma figura de linguagem, não se pode deixar de mencionar a metonímia. Esta, segundo a classificação de operações de construções linguísticas propostas por Croft e Cruse (Op. Cit.), está circunscrita dentro da primeira habilidade cognitiva: a de atenção e saliência. A metáfora é uma das construções linguísticas centrais estudadas pela linguística cognitiva, consistindo na relação de comparação entre dois domínios: fonte e alvo. O domínio fonte seria o sentido literal da expressão metafórica e o domínio alvo seria o domínio da experiência que está sendo descrito pela metáfora.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Viviane Lucy Vilar de Andrade; MARTINS, Helena Franco (Orientadora). Sobre a identidade da metáfora literária. Uma análise do romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. Rio de Janeiro, 2008. 85p. **Dissertação** – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ARISTÓTELES **De Interpretatione** In Angioni, I. (trad./org.) *Ontologia e predicação em Aristóteles*. Campinas:Unicamp, 2000.

BARNDEN, J. **Metaphor and metonymy making their connections more slippery**. In: **Cognitive Linguistics**, 2010, 21-1: 1-34.

CROFT, W. & CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**, v. 1, n. 1, pp. 121-135. Barcelona, 1992.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

EVANS, V. **The meaning of time: polysemy, the lexicon and conceptual structures**. In: **Journal of Linguistics**, 2005, v. 1. pp. 33-75.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge: Cambridge University press, 1994.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. **Innocence: a Second Idealization for Linguistics**. Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society, 1979.

---

<sup>6</sup> Lakoff *apud* Andrade (2008).

FREUD, S. (1973). **La Afasia**. Buenos Aires: Nueva Visión. (Originalmente publicado em 1891)

FREUD, S. **A interpretação dos Sonhos**, Edição C. 100 anos. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GOOSSENS, L. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: **Cognitive Linguistics**, 1990, v. 1, n.3, pp. 323-40. <http://www.philosophy.pro.br/logos.htm> acesso em 08/11/2011, às 18h04min.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 2001.

LACAN, J. Metáfora e Metonímia (II): articulação significante e transferência de significado. In: LACAN, J. **O seminário**, livro 3: as psicoses. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. pp. 253-262.

LAKOFF, George and JOHNSON, Mark. (1980) **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, George and Turner, Mark. (1989) **More than Cool Reason: A field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Livraria Sá de Costa Editora, 1978.

ORTONY, Andrew. (1991) **Metaphor and Thought**, 2. ed. New York: Cambridge University Press.

PLATÃO. A República. In: **Diálogos de Platão**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3a. ed., Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

SILVEIRA, E. M. Um certo retorno à Linguística pela via da psicanálise. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 47, n. 1/2, 2005.

TAYLOR, J. **Linguistic Categorization**. 3. ed. Oxford: Oxford University press, 2003.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring**. Volume II. MIT Press, 2003.

ULLMANN, S. **Principles os Semantics**. Oxford: Blackwell, 1957.